

Boletim Informativo da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain

O DIREITO HUMANO

SOLSTÍCIO DE INVERNO 2015, ANO 6, Nº 14





Neste Número:

Editorial

Notícias

Livros

Sínteses — VIII Convenção Nacional 6015, E.:M.:

Simbólica: O Homem, a Liberdade do Homem e o Livre Arbítrio

Social: O Labirinto e a Procura do Centro

Peças de Arquitectura

O Galo — RR.: LL.: Mosaique e Adelaide Cabete

Imagem de Capa: Cais das Colunas.

Fotógrafo: José Luis Elvas

Conselho Editorial: - Conselho Nacional

Comissão de Comunicação

Hugo Gomes

Hugo Silva

Ilda Batista

Maria de Fátima Pires

Maria João Figueira

Cada artigo mantém a ortografia usada pelo autor

Contacto para sugestões e colaborações: comunicacaoofpdh@gmail.com

Disponível no site da Federação Portuguesa: www.direito-humano.pt



Minhas Queridas Irmãs e Meus Queridos Irmãos,

Minhas queridas Irmãs e meus queridos Irmãos, O presente Boletim divulga os temas que foram sendo discutidos, durante o ano maçónico de 2014/2015 . Refiro-me ao tema social - O HOMEM, A LIBERDADE DO HOMEM E O LIVRE ARBÍTRIO - e ao tema simbólico - O LABIRINTO E A BUSCA DO CENTRO.

São temas absolutamente pertinentes no nosso tempo, do meu ponto de vista. A liberdade e o livre arbítrio porque são temas recorrentes e de discussão filosófica desde sempre, quer na Maçonaria quer fora da Maçonaria. O Labirinto e a busca do centro porque nos recorda que nos devemos centrar no essencial, que devemos buscar o nosso centro e daí sairmos renovados para o mundo.

Como poderão verificar através da leitura das sínteses dos temas de que falámos, discutiu-se o livre arbítrio do ponto de vista do poder que tem a vontade de se determinar por si mesma, por sua própria escolha, a agir ou não agir, sem ser constrangida a isso por força alguma, externa ou interna. Discutiu-se o caminho labiríntico da procura do centro como um caminho que é difícil, mas essencial para quem deseja passar por esta vida de forma consciente e livre. A procura do centro é um trabalho de interioridade, de silêncio e concentração em busca do que é primordial em nós. A saída do labirinto assinala o começo da Grande Obra na medida em que, ao entrar no seu próprio labirinto, buscando o seu centro, onde se defrontará com todas as suas dificuldades e as superará, cada Homem poderá daí sair, depois de ter percorrido o seu próprio caminho, encontrando o verdadeiro conhecimento, a verdadeira Luz.

A Maçonaria ensina que, ao sair de cada labirinto, o maçom estará enriquecido, mais experiente e mais determinado – e que sempre haverá outros labirintos a serem conquistados, e não destruídos.

Recebam o meu forte TAF

Maria de Fátima Pires

Pres: . do C: . N: . da Federação Portuguesa do Direito Humano





8-10-2015— Sessão Conjunta da R.:L.: Adelaide Cabete a Or.: de Braga e da R.:L.: Mosaïque a Or.: de Saint-Quentin, França.

De 8 a 13 de Outubro deslocou-se a Portugal uma delegação da R.:L.: Mosaïque, a Or.: de Saint-Quentin em Yvelines, Guyancourt a SW, de Paris para mais uma sessão conjunta com a R.:L.: Adelaide Cabete, a Or.: de Braga, no âmbito do seu processo de geminação. Cada uma das lojas apresentou uma prancha sobre o símbolo do Galo, que podem ser lidas neste boletim.

A visita deste ano possibilitou que se analisasse a hipótese de avançar com o pedido de geminação, tendo sido aprovado pela Loja Adelaide Cabete, na sua reunião do passado dia 13 de Novembro que se iniciasse o respectivo processo junto do Conselho Nacional da Federação Portuguesa. Aguarda-se uma decisão análoga por parte da R.:L.: Mosaïque.

Durante a estadia foram organizadas visitas guiadas, ao centro histórico de Guimarães e a Barcelos e às instalações da R.:L.: Lusíada Renascida a Or.: de Guimarães.

Os laços entre os Ilr.: e as Ilra.: das duas lojas Mosaïque e Adelaide Cabete têm vindo a ser tecidos há vários anos e estreitados por visitas recíprocas, que foram possibilitando o projecto de uma geminação entre estas duas Lojas.

Ambas têm o ensino comum de transmutar estes laços fraternais numa geminação e parafraseando o nosso convite, endereçado esta ano aos Ilr.: e as Ilra.: franceses: *Nos deux ateliers sont venus au cours des dernières années en développer un processus qui lui est associée à un possible jumelage, car bien appartenant à deux fédérations différentes, vise a faire respecter la internationalité de l'Ordre Maçonnique Mixte et International Le Droit Humain, permettant la construction de liens fraternels entre FFr.: et SS.: des différents pays. (As nossas duas lojas têm vindo no decurso dos últimos anos a desenvolver um processo que tem associada uma possível geminação, pese embora pertencermos a duas federações diferentes e visando respeitar a internacionalidade da Ordem Maçónica Internacional Le Droit Humain permitam a construção de laços fraternais entre Ilr.: e as Ilra.: de países diferentes).*

2-10-2015 – Colóquio Internacional da Ordem Mista Internacional “Le Droit Humain” – O Direito Humano, Lisboa 2015



L I S B O A · P O R T U G A L
O U T U B R O · 2 0 1 5

Entre os dias 2 e 4 do passado mês de Outubro decorreu em Lisboa o Colóquio Internacional da Ordem sob o tema: “No contexto atual: a crise de valores, as desigualdades, a violência e divisões; O que o Direito Humano pode propor para integrar os nossos valores humanistas no funcionamento das nossas sociedades?”

Estiverem presentes cerca de 350 Ilr.: de 23 países e 16 Federações.

Foram constituídos cinco grupos de trabalho que após intensos e frutíferos debates apresentaram as respetivas conclusões na sessão de encerramento. Estas mesmas conclusões irão ser divulgadas num próximo Boletim Internacional da Ordem.

Toda a organização deste Colóquio contou com a incansável dedicação da M.:P.:G.:C.:, a M.:Il.:la.: Graça Gomes em colaboração com C.:N.: da Federação Portuguesa e uma equipa de trabalho que muito se dedicou para que o evidente sucesso deste encontro pudesse ocorrer.

No decorrer deste encontro internacional foi também lançado o primeiro livro acerca do Direito Humano Internacional em língua Portuguesa com a tradução da obra “Grão - Mestres tendes a Palavra”, apresentado pela Ira.: Virgínia Antunes da R.:L.: Athanor, sua tradutora, da M.:P.:G.:C.:, a Il.:Ira.: Graça Gomes e da M.:P.:S.:G.:C.:, a M.:Il.:Ira.: Yvette Ramon.

4-10-2015 – Encontro dos Presidentes das Federações

Inserido no Colóquio Internacional da Ordem Mista Internacional “Le Droit Humain” – O Direito Humano que teve lugar em Lisboa, houve um encontro, que decorreu justo e perfeito, dos Presidentes das Federações que se encontraram presentes no decurso do colóquio.

12-11-2015 – Ciclo de Conferências “Maçonaria no séc. XXI – Do Imaginário à Realidade” – Açores



Decorreu entre os dias 12 e 15 de Novembro de 2015 na Ilha Terceira nos Açores um ciclo de conferências sob o tema “Maçonaria no séc. XXI – Do Imaginário à Realidade”.

Foi consensual a ideia de desinformação que existe acerca da Maçonaria e que “algumas partes” não podem refletir um todo.

Este ciclo foi organizado pelo G.:O.:L.: – Grande Oriente Lusitano - e contou com a presença das principais Obediências Maçónicas que estiveram representadas pelos seus Grãos Mestres e Presidentes Nacionais, sendo a Federação Portuguesa do Direito Humano representada pelo Ir.: Pedro Horta face à impossibilidade da presença quer da Presidente do Conselho Nacional ou de outro Conselheiro.

A Presidente do Conselho Nacional fez uma Prancha que foi lida pelo Ir.: Pedro Horta. A mesma explanou três ideias essenciais:

- A necessidade da transposição dos valores trabalhados em Loja para uma prática de cidadania e exemplo pessoal;
- A existência de uma desmistificação de um certo conjunto de ideias acerca da Maçonaria pela tomada/comunicação de posições em temas que são estruturais no nosso percurso maçónico tendo como base a tripla aclamação: Liberdade, Igualdade, Fraternidade;
- A ligação entre a Tradição Maçónica e os valores e experiência (o imaginário construído) que ela oferece e a Modernidade de uma sociedade em constante e acelerada Mudança;

13-11-2015 – Comunicado do Supremo Conselho acerca dos atentados terroristas de 13 de Novembro de 2015 em Paris

Face aos atentados ocorridos no passado dia 13 de Novembro, várias Obediências Maçónicas tomaram uma posição pública perante o contexto e as circunstâncias destes terríveis acontecimentos que ceifaram a vida a 132 cidadãos.

Entre os vários comunicados, pronunciou-se igualmente o Supremo Conselho da Ordem Mista Internacional “Le Droit Humain” – O Direito Humano. No seu comunicado o Supremo Conselho sintetizou todo o percurso de atentados até essa data relembrando os valores sagrados da liberdade dos cidadãos, da liberdade religiosa que continuam a ser atacados fazendo da morte de cidadãos comuns o seu reflexo mais negro. Termina o mesmo comunicado com a expressão de um sentimento de repúdio partilhado por todos os Ilr.: da Ordem perante estes acontecimentos.



SPES - Soutien Pour L'Enfance en Souffrance - Últimas Noticias

O SPES tem dois centros de apoio a crianças e jovens órfãos ou em risco face às circunstâncias sociais e emocionais com que se deparam todos os dias no Togo.

O Togo, ou República Nacional Togolesa, é o país Africano onde ficam situados os dois centros do SPES: um em Lomé, capital do país e outro em Kpalimé, cidade interior do território.

De Lomé destacamos a preocupação com a Malária e sua prevenção e o acompanhamento escolar e actividades lúdicas que permitem um crescimento salutar e o desenvolvimento de competências morais e sociais. O centro recebeu igualmente a visitas e doações de amigos, familiares, e Ilr.: do DH ligados ao SPES Togo.

De Kpalimé destacamos a preocupação com a existência de vários casos de malário entre a população residente no centro e seu tratamento e prevenção e mais uma vez também a preocupação com o cumprimento dos objectivos escolares pré-definidos para o último ano escolar.

Até ao próximo Boletim teremos novos conteúdos off line e online acerca do SPES ! Estejam atentos.

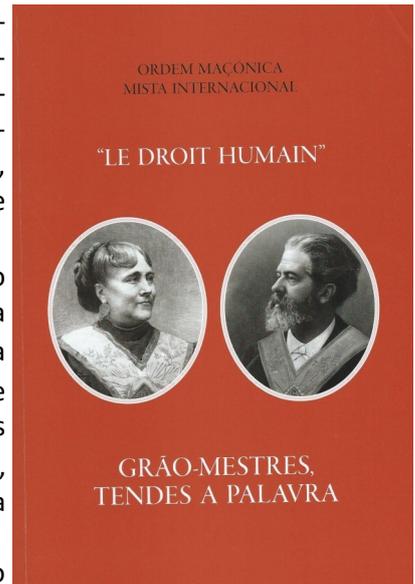


Grão Mestres Tendes a Palavra

Foi apresentada no Colóquio Internacional de Outubro o primeiro livro editado pela Federação Portuguesa do DH. Trata-se de uma tradução, feita pela Resp.ª Cons.ª Virginia Antunes, do livro *Grands Maîtres vous avez la Parole*, um projecto do Grão-Mestre da O.ª.M.ª.M.ª.I.ª. Le Droit Humain, o M.ª.III.ª.II.ª. Njördur P Njardvik.

A Ira.ª Virginia Antunes fez a tradução do livro original e contou com a colaboração da M.ª.P.ª.G.ª.C.ª da Federação Portuguesa da nossa Ordem, a Il.ª.Ira.ª Graça Gomes. A obra abrange todas as intervenções, recolhidas pelas MM.ª.III.ª.IIra.ª Yvette Ramon e Danièle Juette, desde os Fundadores até à atual Grã – Mestre da Ordem.

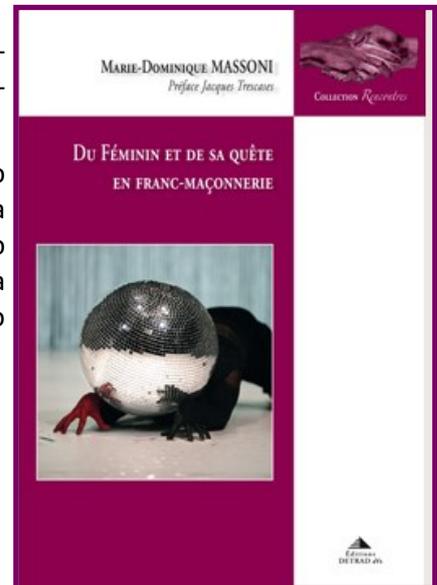
É uma obra que dá conta do pensamento dos vários Grão-Mestres do Droit Humain desde a sua fundação em 1893 até aos dias de hoje.



Du Féminin et de sa Quête en Franc-Maçonnerie

Du Féminin et de sa Quête en Franc-Maçonnerie, Marie-Dominique Massoni, Editions Detrad aVs, Outubro de 2015.

A autora convida-nos a reflectir sobre o lado feminino que existe em cada ser humano e a “associar sensação, razão, imaginação e intuição para seguir o rasto do feminino que se desvela em cada um de nós ao longo do seu percurso iniciático...”





“Diz NÃO à liberdade que te oferecem, se ela é só a liberdade dos que ta querem oferecer. Porque a liberdade que é tua não passa pelo decreto arbitrário dos outros.” – Vergílio Ferreira

A liberdade e o livre arbítrio são temas recorrentes de discussão filosófica desde que o homem existe enquanto ser consciente de si. Na Maçonaria, como escola iniciática, simbólica e filosófica, constituíram por si dois grandes problemas que levaram a que esta tenha sido condenada por muitas das religiões organizadas, ao longo dos séculos.

A Maçonaria sempre afirmou e continua a afirmar a prioridade absoluta da



liberdade do homem, a qual não é de forma alguma incompatível com o nos-

so livre arbítrio.

Contudo, para exercer o seu livre arbítrio, o homem precisa de sabedoria e humildade pois percebe que o caminho é longo, e que necessita de coragem para enfrentar o resultado das suas decisões, das quais é o único responsável.

Ao profano que ingressa na Maçonaria, esta exige-lhe que seja “livre e de bons costumes”. Em troca oferece-lhe a possibilidade de percorrer o caminho iniciático através do trabalho em Loja, que irá ajudá-lo no trabalho a realizar sobre si mesmo e, graças a ele, alcançar a “Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade”. Estes são os três traços distintivos da personalidade do verdadeiro Maçon liberto das cadeias do medo,



do ter e dos preconceitos. Só assim o ser humano alcançará a liberdade do Ser.

O trabalho sobre si próprio aprende-se no silêncio. Por isso é exigido um ano de silêncio e de escuta ao Aprendiz. Ele permitir-lhe-á ouvir a sua voz interior, que lhe dirá quem é. Aí radica a sua liberdade. Assim se vai realizando nele próprio a trilogia simbólica da “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” que o tornará Maçon. Através desta trilogia vivida, o homem torna-se capaz do livre arbítrio, ou seja: alcançar o poder que tem, a vontade de se determinar por si mesmo, por sua própria escolha e agir ou não agir, sem que a isso seja constrangido por qualquer força, seja ela interior ou exterior. Sartre dizia que “o Homem está condenado a ser livre”. Por isso mesmo, se antepõe ao conceito de liberdade responsável. Isto acontece quando o Homem descobre um outro sujeito com os mesmos



direitos e tem a dignidade de o respeitar.

O juízo livre é o poder de seguir a nossa consciência sem nos deixarmos subjugar por pressões sociais ou de conveniência. Pode-se resumir como uma liberdade pessoal de acção.



A moderna Psicologia científica adverte que não se pode dissociar no homem o plano intelectual e volitivo do plano sentimental, nem este do plano vegetativo e ins-tintivo; todo o acto volitivo, por exemplo, é acompanhado, de maneira mais ou menos inconsciente, por movimentos emotivos que escapam ao pleno controle da vontade.

A linguagem humana, a expressão mais típica do raciocínio e

da espiritualidade do homem, é acompanhada por movimentos mímicos, gestos automáticos do corpo, desencadeados pelo funcionamento da inteligência e da vontade. Assim, o espiritual e o corpóreo, o consciente e o inconsciente, colaboram intimamente no homem.

Antes que o profano bata à porta do templo, a sua condição de homem livre já foi comprovada. O próprio nome de “franco-maçon” significa “pedreiro livre” e assim se denominavam os construtores que tinham a liberdade de vender os seus serviços a qualquer pessoa e em qualquer país.

Em geral, a liberdade é o poder de fazer ou deixar de fazer alguma coisa. Estar livre é estar isento de vínculos, daí serem tantas as formas de liberdade quantas são as espécies de vínculos, classificados como físicos e materiais, que forçam à inércia ou ao movimento, e em morais, que prescrevem certos ac-

tos e proíbem outros, sem tirar ao homem o poder de os omitir ou de os executar.

O livre arbítrio é o poder que tem a vontade humana de determinar por si mesma, por sua própria escolha, a agir ou não agir, sem ser constringida a isso por força alguma, interna ou externa. Ele é prerrogativa essencial do ser humano. Enquanto conservar a razão, ele será sempre livre para querer ou não querer. É uma faculdade da vontade humana e da sua capacidade de escolher entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. Consiste em escolher entre os impulsos dos desejos, os cálculos do interesse, e as ideias da razão.

Num estado de perfeição tem-se a noção do tempo, tem-se a liberdade e o conhecimento para o gerir. Nesse estado, o ser humano sabe o que é e quem é, encontrou-se, sabe que não depende do mundo exterior. É o estado onde a liberdade é plena



e consciente. Por seu lado, a liberdade é o estado no qual o homem convive, sem ser restringido e sem galgar as margens do ético, valores e regras enraizados na sociedade.

Não confundamos livre-arbítrio com liberdade. Em alguns textos, os vocábulos são apresentados como sinónimos. Não obstante, no livro *“De Libero Arbitrio”*, da autoria de Santo Agostinho, lemos: *“O livre-arbítrio é a possibilidade de escolher entre o bem e o mal; enquanto que a liberdade é o bom uso do livre-arbítrio.”*

Assim, o livre-arbítrio conjugado com a liberdade são um bem tão valioso. Embora na comodidade em que vivemos nos dias de hoje não lhe imputemos grande importância, contudo são acções que foram conquistadas, em algumas das suas extensões a custo de vidas humanas.

O livre arbítrio é o poder que tem a vontade de se determinar por si mesma, por sua própria escolha, a agir ou não agir, sem ser constringida a isso por força alguma, externa ou interna. É a prerrogativa essencial do ser humano; enquanto este conservar a

razão, será sempre livre para querer ou não querer.

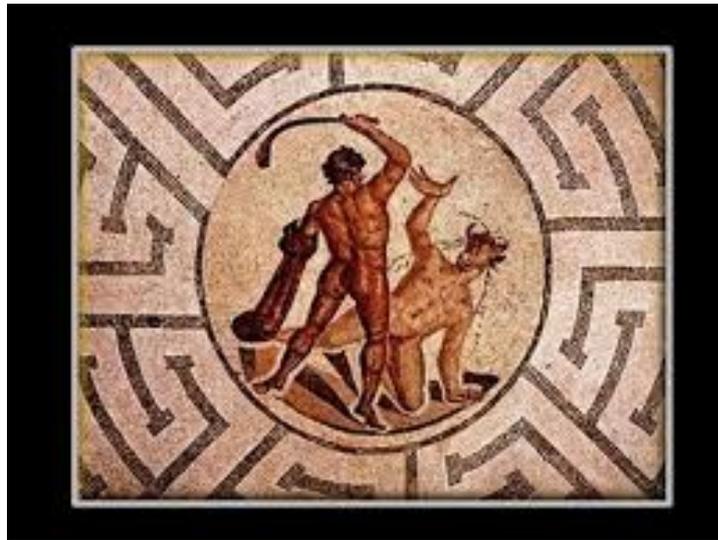
Finalmente, a liberdade traz consigo a noção de responsabilidade e com isso a de justiça. Esta é uma responsabilidade privada e está indissoluvelmente ligada à consciência. Sem consciência não há liberdade. É aqui que entra mais uma vez a contribuição da Maçonaria: se entendermos todos os símbolos e metáforas com que entramos em contacto racional ou simbólica e ritualmente na maçonaria, a responsabilidade pela nossa iluminação passa a ser nossa, porque é nossa a responsabilidade pela ampliação da luz em nós. Entendemos aqui a luz como consciência,

A liberdade acaba por ser, afinal, um extraordinário paradoxo. Quando o ser está suficientemente consciente para poder usar o seu livre arbítrio de forma justa, acaba por perceber que existe um único caminho para o exercício da liberdade, o caminho do coração.

Maçonicamente falando, a liberdade é uma “luz” que nunca sucumbe às trevas.



Síntese do Tema Simbólico 2014-2015 O labirinto e a Procura do Centro



Penetrar num labirinto e regressar dele, tal é o rito iniciático por excelência, e no entanto toda a existência, mesmo a menos movimentada, é susceptível de ser assimilada ao caminhar num labirinto.

Mircea Eliade

A palavra labirinto evoca as palavras latinas “labor intus”, significando “trabalho interior” - a senda interior que tem de ser descoberta e percorrida até ao fim. Quem o encontra não pode enganar-se, a menos que volte para o emaranhado de suas percepções sensoriais; já o dédalo é o espaço limitado em que o homem anda sem rumo, seguindo a conduta de uma consciência voltada para as impressões de seus sentidos, mostrando todos os tipos de possibilidades e de escolhas aparentes que geralmente são contraditórias, sendo por isso um bom símbolo da vida exterior, onde há somente luta e confusão.

Muito se tem falado e escrito sobre o labirinto e a interpretação de cada um é tão complexa e individual que difícil se torna interpretá-la numa forma concisa e inequívoca. Pelos seus caminhos tortuosos e desconhecidos, o labirinto é considerado um símbolo da iniciação e representa a descoberta do centro espiritual

oculto, a dissipação das trevas para o renascimento na Luz, a superação dos obstáculos e o encontro com o caminho da verdade. Segundo René Guénon, labirintos são as trevas exteriores, contudo, após o estado de errância, o ser atinge a sua estabilidade logo que atinge o “centro”. O símbolo do Labirinto exemplifica perfeitamente o processo do Conhecimento, pelo menos nas suas primeiras etapas, naquelas em que o ser tem de se enfrentar a si próprio. O desassossego do labirinto é próprio daquele que, tendo abandonado as suas seguranças e identificações, descobre perante si próprio, um mundo completamente novo, e, portanto, desconhecido, mas para o qual se sente atraído.

O labirinto, fascinante e misterioso, leva-nos aos mitos da antiguidade (um dos mais antigos e conhecidos labirintos data do séc. IV, numa basílica cristã em Argélia). O mais conhecido de todos é o labirinto de Creta. Diz a lenda que este labirinto

era uma representação do mundo do além e que para atingir o fim do percurso era necessário matar o minotauro que guardava esse espaço. Porém, o caminho era árduo e quem entrava no labirinto jamais encontrava o caminho de saída. Teseu, graças ao novelo de lã dado por Ariadne, não só conseguiu dominar o minotauro como sair do labirinto, concretizando assim o seu objectivo que era o de casar com a sua amada.

Esotericamente, por seus caminhos tortuosos e desconhecidos, o labirinto é considerado um símbolo da iniciação e representa a descoberta do centro espiritual oculto, a dissipação das trevas para o renascimento na Luz, a superação dos obstáculos e o encontro com o caminho da verdade. Em termos gerais, o desenho em espiral do labirinto serve para percorrer um caminho que nos leva à busca do nosso verdadeiro eu interior.



Empiricamente o labirinto enquanto arquétipo sempre traduziu palavras ou expressões-chave como: caminho, viagem, evolução, encontro do centro, rede, confusão, matriz. E, tal como qualquer outro símbolo, ele permite restaurar a Ordem, proceder a um ato criador na medida que comunica através do valor que lhe é atribuído.

Na vida, uns conseguem descobrir os métodos certos e saboreiam a calma, a paz de espírito. Outros não. Perdem-se nos mais emaranhados pontos do labirin-



to e demoram ou então nunca conseguem encontrar o centro. Destes, há os que desistem e os que persistem, mas não através dos mais adequados e sábios métodos. Todas as vias que seguimos, uma de cada vez ou mais do que uma em simultâneo, que atravessamos celas (grutas), locais de passagem ou becos sem saída, donde saímos mais devagar ou mais depressa, ou onde podemos ficar enredados para o resto da vida. Numas e noutras, contactamos com outras criaturas, outras experiências, outros conhecimentos, que nos permitirão posteriormente ter opções mais Yin ou mais Yang, sabendo que estão ambos sempre presentes, pois nada existe em estado de total pureza, e só com a complementaridade destas duas forças surge o equilíbrio dinâmico que permite a transformação contínua.

A entrada do labirinto até ao centro assemelha-se à descida às profundezas da terra e por analogia às profundezas do eu, num esforço de auto conhecimento, como preparação prévia essencial para aquilo que na tradição iniciática/alquímica cons-

tituirá a transformação fundamental. E embora este percurso seja difícil, o de regresso é-o muito mais, pois implica perseverança, atenção e coragem para não haver desvios do caminho ao ponto de o perder. Todo o trabalho de saída do labirinto é, simbolicamente, tanto quanto compreendemos, o percurso que o adepto terá de fazer para atingir a sua própria transformação. É um caminho singelo, não existem ciladas nem exige decisões da nossa parte. Basta entregarmo-nos sem receio ao nosso guia espiritual. Gente de todas as raças e religiões procuram nesta viagem o caminho para o auto conhecimento.

No mito de Teseu, a entrada no labirinto representa a sua alma, o seu interior – ele vai até ao seu âmago destruir o mal ainda escondido. Na verdade, nem todos conseguem chegar ao seu âmago, nem todos conseguem destruir o mal que existe em si próprio, que dificulta a evolução da sua alma. Teseu, por exemplo, foi o único que conseguiu a façanha de sair vivo do labirinto, com a ajuda de Ariadne, que sabia o segredo para o fazer. Na verdade, Ariadne ensinou a Teseu o seguinte: “- Logo que entrar no Labirinto, amarre a ponta do fio numa pedra e segure com firmeza o carretel, durante todo o tempo. Quando quiser sair, o fio será o seu guia”.

Um estudo interessante da localização de diversos tipos de labirintos na Europa, mais propriamente os que podemos encontrar nas catedrais, leva-nos todavia a uma dimensão que vai além desta visão comportamental. O seu autor, Paul de Saint-



Hilaire, começa por colocar uma questão: como chegaram os labirintos do Egito e da Grécia até às catedrais medievais? Com o apoio deste autor, comecemos por referir um salmo gnóstico que equipara o mundo a um labirinto onde a alma humana é lançada e onde o ser humano vai errar sem saber se existe ou não uma saída. Este abandono lança-o numa enorme solidão que provoca um inquietante desejo pela procura da sabedoria ou iluminação.

Tal como Dédalo e Ícaro que fugiram do labirinto elevando-se, o reconhecimento e cumprimento deste desejo consiste na libertação da quaternidade ligada à matéria e à finitude pelo alcance da circularidade, símbolo do espírito e do infinito. Eis-nos perante a problemática quadratura do círculo. Para este problema, considerado insolúvel, o labirinto octogonal propõe não a solução, mas um passo intermédio entre o quadrado

e o círculo.

Os três labirintos, quadrado, octogonal e circular, asseguravam a quadratura entre a Fé e o Conhecimento, entre a Rosa e a Cruz. Constituíam a realização da Grande Obra que muitos se propunham realizar mas que talvez só alguns o fizessem/fazem de forma consciente .

O Labirinto representa a experiência da iniciação, o caminho que cada um segue para o seu próprio mistério, assumindo-se como o símbolo da procura do conhecimento, para que se alcance o centro, através de uma viagem interior.

Na Cabala, a via para se chegar ao centro implica uma concentração em si mesmo, visando a ressurreição espiritual de cada um. É uma construção arquetípica encontrada e utilizada em muitas civilizações e culturas ancestrais e que ainda hoje está presente. A universalidade do tema é comprovada por uma

abundância surpreendente de manifestações que cobrem praticamente todo o mundo através dos séculos: Índia, Ásia, Java, Sumatra, América do Norte, Europa.

Na estrutura simbólica e ritual da Maçonaria identificam-se numerosas heranças inconscientes colectivas, procedentes de diversas e antigas tradições. Os arquétipos ou símbolos são uma linguagem metafórica. Os rituais são cerimónias de transformação interior, e estão carregados de alegorias que se impõem desvendar e assimilar. Os símbolos utilizados pela Maçonaria têm origens diversas, sendo um deles, o labirinto. A Maçonaria ensina que, ao sair de cada labirinto, o maçom está enriquecido, mais experiente e mais determinado – e que sempre haverá outros labirintos a serem conquistados, e não destruídos.

O simbolismo do Labirinto acontece em dois níveis: o primeiro

na medida em que o Maçon que se constrói a si próprio percorrendo seu Labirinto mental, o segundo é o Labirinto que a estrutura simbólica dentro de um ritual oferece ao Maçon para ele atingir esse primeiro. O ritual de iniciação é a entrada do Labirinto, já que nos transporta para aquilo que vai ser a criação do nosso próprio "fio condutor". Depende de nós a vontade de chegar ao centro. No Ritual de Iniciação, traduz-se na venda nos olhos, na entrada para a Câmara de Reflexões, nas provas a que o neófito é sujeito, para que no fim consigamos transformar (buscar a sua energia) o nosso "Minotauro". Assim, podemos, através da vivência, desse "fio condutor", equiparar ao Ritual de Iniciação, iniciar o caminho até ao centro, ao encontro a nós mesmos, "Só se vê bem com o coração. O essen-

cial é invisível aos olhos", Saint – Exupéry. O ritual e a sessão de loja de Aprendiz é assim o começo do enfrentar os nossos medos, as nossas dificuldades e os nossos preconceitos, o início da nossa iluminação. A Abertura e o Encerramento dos Trabalhos é a vitória sobre as sombras e o regresso à Luz. A Luz é, então, o resultado de um caminho, de um processo de crescimento moral e espiritual através de um ato de criação simbólica que acontece dentro e fora de nós mesmos. O centro não é o centro do Labirinto, é o nosso centro, o centro do nosso ser mais íntimo, aquele que se vai revelando no progresso da nossa vida e aprendizagem maçónica, porque só de nós depende o regresso à Luz.

O caminho labiríntico da procura do centro é tão difícil como

essencial para quem deseja passar por esta vida de forma consciente e livre. A procura do centro é um trabalho de interioridade, de silêncio e concentração em busca do que é primordial em nós. A saída do labirinto é o começo da Grande Obra, o início da construção que, julgo, para o homem será sempre o próprio caminho e não uma meta que se atinge. E como uma viagem que se prepara cuidadosamente antes da partida, traçando uma rota, verificando se a bagagem que levamos é aquela de que precisamos, também é no centro que nos alimentamos dessa energia, desse fogo secreto e sagrado guardado pelo Minotauro que só o entrega com a condição de ser usado na busca da sabedoria.



Exercício:

Para finalizar, convidamos-vos a percorrer o caminho labiríntico até chegarem ao centro.

Façamos uma pausa à entrada.

Podem:

1 – esvaziar a vossa mente dos assuntos que vos preocupam neste momento, e escutarem apenas a voz do vosso eu interior e caminharem em frente....

Ou

2 - mentalmente, fazer uma pergunta que vos preocupa neste momento e, no vosso silêncio, procurar uma solução..... Sem pressa - onde encontrarem uma rocha, sentem-se nela , façam uma pausa e escutem.....



O galo é um dos primeiros símbolos que encontramos no caminho para a iniciação maçónica. Na verdade, todos nós já encontramos uma simbologia ligada ao galo, mas os valores veiculados por este animal de estimação podem não ser tão óbvios para todos e, será interessante examinar as diferenças, semelhanças e complementaridades que, provavelmente, o galo presente nos nossos dois países sugere... ponto de encontro ideal entre a França e Portugal, entre Mosaïque e Adelaide Cabete. Analisemos então o ponto de vista francês sobre a questão:

Todos nós Maçons, nos confrontamos já com este animal na cabine de reflexões, quando eramos ainda profanos: esse é o único lugar e a única vez que o encontramos.

Qual será o seu significado esotérico e exotérico? Será ele um símbolo ou um emblema? Que nos traz ele enquanto profanos prestes a ser iniciados ou já Maçons?

O bestiário da maçonaria não esclarece muito estas questões; é quase sempre o Galo entre Águia e cão, abelha e fénix, que parece ter os mais diversos significados.

Abordemos a questão sobre vários ângulos:

1. O galo: símbolo ou emblema gaulês Certamente que partilhamos todos estes aspectos.
2. O galo: vigilância e perseverança
3. O galo: luz e renascimento
4. O galo: de pé na torre do sino como o Maçon no seu templo
5. O galo sabedoria, força e beleza os nossos 3 pilares

6. O galo: símbolo hermético na história da alquimia

O galo é por vezes referido como um símbolo e outras como emblema, vejamos qual a diferença entre os dois. Como todos nós maçons sabemos, o símbolo pode ser um objeto, imagem, palavra escrita, som, ou uma determinada característica que nos pode ajudar a expressar uma riqueza inefável. O emblema, "é um ideograma uma cor, uma forma, um animal ou outro sinal convencional de valor simbólico, a intenção de representar uma ideia, um ser físico ou moral." Observemos a maior riqueza do símbolo em relação ao emblema.

1. O galo gaulês

As opiniões divergem entre os historiadores sobre interpretação do galo como emblema gaulês.

Já ouviram certamente falar deste paralelo galo / Gália, feito por César, jogando com o duplo sentido de galus: derivado de galo e Galia. Parece, no entanto não ser assim, e que essa assimilação foi feita por Suetónio, na obra Vidas dos Doze Césares (121 AD). Muitos historiadores negam esse conceito do emblema, porque a organização política gaulesa tornava impossível a existência de um emblema único. Parece também que foram poucas as moedas gaulesas gravadas com um galo.

O galo sem ter sido realmente Gaulês tornou-se gradualmente o galo francês. Na Idade Média, o clero considerava que o galo, "símbolo da vitória e vigilância, tinha o poder de expulsar os demônios com o seu canto." O bestiário medieval que mostra a bravura e o orgulho do galo, também mos-

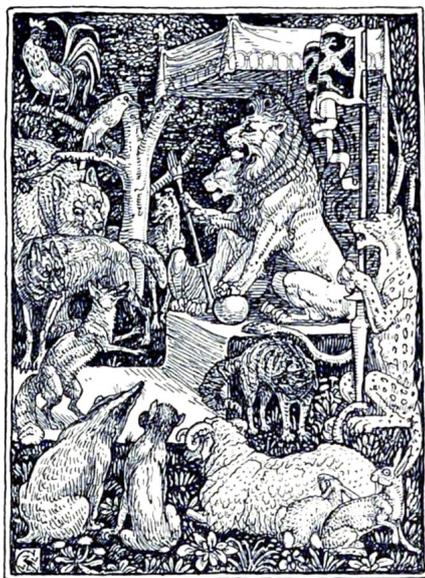
tra um animal ciumento, por vezes violento, polígamo, e portanto, um símbolo da luxúria.

As artes denotam gradualmente as qualidades do galo: este toma-se o "galo corajoso" cujo nome se espalha



até à personagem notável de Chantecler, um dos heróis emblemáticos do Romance de Renard.

Pouco a pouco os aspectos positivos do Galo ganham peso, até se tornar um emblema do Rei dos Francos e depois da França. Christine Pisan compara Carlos V a um galo que olha pelos seus súbditos. Durante o Renascimento, Francisco I elaborou um programa político baseado no simbolismo do Galo: ele é mostrado como atribulo do Sol, de Marte e Mercúrio na antiguidade. É mostrado como orgulhoso, lutador, corajoso, qualidades que devem ser necessariamente as de um líder, rei de seu povo e conquistador. A crista do galo



é comparada à coroa do rei, representa a sua soberania e superiorida-

de.

2. O galo vigilância e perseverança

Vigilância / perseverança e luz/ Renascença, estas associações fluem facilmente de umas para as outras uma vez que é pela sua vigilância que o galo anuncia a luz que ira gerar renascimento.

No topo das igrejas o galo vigia face aos ventos, e às tempestades venham de onde vierem. Entre nós recordando ao maçõn que é seu dever lutar pelo progresso da humanidade, apesar das tempestades internas que o agitem. Howard Plantagenet, nas suas conversas iniciáticas escreve: "O galo, gerador de esperança, só ilumina a consciência, se o Inicia-



do permanece vigilante quanto ao âmbito e espirito dos seus actos e se persevera no seu trabalho, insensível às contingências e inacessível ao desânimo."

Atento ao cantar do galo, o maçõn só trabalha na sua loja do meio-dia à meia-noite; ele é implicitamente chamado, logo de manhã, para completar fora, o trabalho iniciado no templo. E é com orgulho, qualidade constantemente ligada ao galo e que significa a independência de carácter de alguém consciente da sua honra, que o maçõn vai cumprir esta sua missão.

Na mitologia nórdica, o galo (vidofnir) não está empoleirado na torre, mas em Yggdrasil a árvore cósmica colocada no centro do mundo. Esta ave considerada como pertencente ao mundo luminoso da vida e noturno da morte, foi encarregada de anunciar o crepúsculo dos poderosos. Mais uma vez, o galo é colocado na interface da escuridão e da luz.

3. O galo luz e renascimento

É como símbolo de aparição da luz que o galo é, obviamente, mais conhecido. A Mitologia grega dá-lhe nascimento, por intermedio de Alectryon, amigo de Marte, responsável por informar este da chegada do Sol durante os seus encontros com a sua amante Vénus. Um dia Alectryon adormeceu e Marte e Vénus foram capturadas por Vulcano. Uma vez libertado, Marte pune Alectryon transformando-o em pássaro. E é, para nunca mais faltar a sua palavra, que ele canta todas as manhãs. Ser aquele que afasta os demônios, que anuncia o fim das trevas e a vitória da luz, fez do galo, o símbolo da ressurreição ou de renascimento. Já entre os egípcios, o hieróglifo representando o primeiro dia do ano, mostra um homem sentado com uma águia em seus pés. Ele tinha uma crista de galo na cabeça, segurava o fogo na sua mão direita e um galo na sua mão esquerda. Águia, fogo, galo, este ternário indica o percurso iniciático, da morte até ao renascimento.

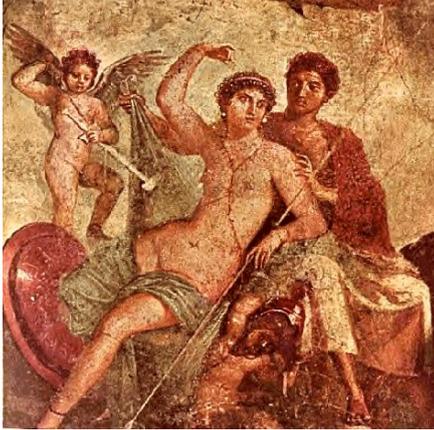
Na Grécia, sacrificavam um galo na morte de um humano para facilitar a sua ressurreição, e nem sequer Sócrates escapou a tal. O galo é assim associado a Hermes, o mensageiro que percorre os três níveis do inferno para o céu. O Papa São Clemente, do século II, diz: " De dia como de noite, o galo anuncia a ressurreição "

O paralelo é fácil, para nós, aqui presentes, pois todos fomos confrontados, pelo menos uma vez, com morte simbólica na "cabine de reflexão", mesmo sem disso termos consciência. O galo, na "cabine de reflexão",



anuncia a chegada da luz, unicamente perceptível por um Ser que não seja inabalável nas suas certezas. Ele também nos diz que aquele que irá receber a luz deve ser novo, e libertado, entre outros, pelo seu testamento filosófico.

4. O galo religião e verticalidade



Em muitas civilizações, o galo é, portanto, aquele que anuncia o fim da escuridão, afugentando todos os demónios que ensombram as noites. Por extensão, o galo chama o Iniciado, promete-lhe a Luz, se ele se comprometer a caçar os seus demónios interiores. Talvez porque ele anuncia mais do que mostra a Luz, que está localizado no "gabinete de reflexão" e não no templo, onde poderia estar diretamente associado ao Sol já que esteve particularmente associado a Apolo.

Voltemos ao simbolismo do galo entre os cristãos, que é duplo e de novo, a ressurreição e a vigilância. De facto, na última Ceia, Jesus diz a Simão Pedro que ele vai negá-lo três vezes antes do canto do galo. Na terceira negação, o galo cantou, fazendo Pedro tomar consciência do que tinha feito. A origem legendária dos galos nas torres seria essa. Pedro, com rancor pelos Galos cantadores, embalsamava-os e expunha-os de forma destacada para inspirar reserva aos seus congéneres. Na verdade, a primeira presença de um galo numa torre de igreja, dataria do século IX, na Itália.

Em sânscrito, o galo Daksha deu origem às palavras *déxios* em grego e *Dexter* em latim, designando um bom carácter, recto, honesto e inteligente, o mesmo é dizer "livre e de bons costumes". Esta honestidade é encontrada na verticalidade da posição do galo. Plínio, o Velho (50 AC) descreve-o assim: "O povo galináceo caminha de cabeça erguida e de crista direita. A única de todas as aves, muitas vezes a olhar o céu. Nós ma-

çons devemos demonstrar a Verticalidade tanto fisicamente, "pondo-nos á Ordem", como mentalmente, pelo "fio-de-prumo", ou moralmente pela exemplaridade dos nossos actos. Hugues de Saint Victor, filósofo e teólogo da Idade Media, escreveu: "O galo bate as asas antes de cantar, antes de acordar os outros, despertasse a si mesmo". Não é isso que pedimos ao novo Iniciado, nas instruções de primeiro grau e na pergunta: quais são os deveres de um maçom?

5.O galo sabedoria, força e beleza

Entrado na Loja, o Iniciado vai trabalhar diante dos três pilares: sabedoria, força e beleza, três características muitas vezes ligadas ao galo.

Entre outras ligações, o galo foi assemelhado com Atena, deusa da sabedoria e da razão, porque, estando sempre em alerta, simbolizava a base de toda a especulação filosófica.

A força do galo foi sempre relacionada com a sua coragem. Rabelais escreveu: "Ouvindo o cantar do galo, o leão animado de grande força e constância, ficou surpreso e consternado". Esta relação entre os dois animais era frequentemente descrita. Quanto a Buffon, ele vê nos combates de galos o desenvolvimento da alma humana dos germes do heroísmo.

O sangue do Galo, em muitos rituais mágicos, incluindo o "voodoo", presume-se ter propriedades restaurativas e terapêuticas.

Quanto à beleza, basta passar num galinheiro para se ter uma opinião. Beleza, de que o Deus celta *Lugh* era o garante, era o Deus que, segundo algumas fontes, se chamava "Deus Galo". "Júlio César fala dele, como o deus que mostra o caminho, que guia, que ajuda ao sucesso. Fazamos um paralelo, nesta forma de transmissão, com um mito que nos toca de perto: o de Salomão e Asmodeus. Quando Salomão quis construir o templo, teve dificuldade em encontrar as pedras de talha necessárias. Disseram-lhe que havia um verme, chamado Shamir, capaz de talhar as pedras mais duras. Asmodeus, rei demónio feito prisioneiro,

diz-lhe que Shamir estava guardado e protegido pelo Galo de Bruyère. Benaia, o guerreiro, vai procurá-lo levando um sino em vidro, por precaução, para capturar o verme. Ele encontra o ninho do galo numa alta montanha. Estando o galo ausente, Benaia coloca o sino de vidro sobre o ninho. Quando regressou, o galo não pôde alimentar o seu progenitor, ele vai buscar o Shamir, coloca-o no sino que explode imediatamente. Benaia apanha o Shamir antes que o galo o pudesse trazer de volta. Assim embora o galo passe, por ser o bobo da historia, ele é em parte, responsável pela construção do templo.

6.O galo símbolo hermético

Na "cabine de reflexão", podemos ver: enxofre, mercúrio, sal, o galo e a formula VITRIOL. Somos convidados a seguir as etapas do processo alquímico, que conduzem da "obra em negro" á "obra em vermelho": é interessante notar que Galo vem de *kog*, raiz celta que significa vermelho. O profano deve seguir as fases da obra alquímica: limpar a matéria das suas impurezas (separar o puro do impuro), calcinação, dissolução, coagulação e sublimação.

O Galo, símbolo de Hermes, protege o neófito na sua viagem. Ele é conhecido por caçar o leão que quer engolir o homem em tentação. O galo, portador das três cores alquímicas (preto, branco, vermelho) "fogo secreto" dos alquimistas, já anuncia o nascer do dia, a chegada da luz. Simboliza o mercúrio alquímico, principio passivo, gás húmido, associado à lua, que combina com o enxofre, símbolo do espírito, e principio activo. Desta união, alcançada através da acção do sal, símbolo da sabedoria, nascerá a pedra que buscam os alquimistas.

No entanto, não devemos esquecer que, paralelamente á alquimia operativa desenvolveu-se uma alquimia espiritual ou filosófica. É, sem dúvida, este caminho que deve ser seguido pelos maçons, ultrapassando os aspectos materiais, respeitantes aos metais e outras substâncias, de forma a poder debruçar-se sobre o futuro do homem e da sua possível transformação. O objetivo final da

alquimia é o desenvolvimento de um homem novo, gnóstico realizado, através da implementação de todas as faculdades do espírito.

Como no processo alquímico, o objetivo da maçonaria não é só de transformar, mas de transmutar, ou seja; nós não queremos somente mudar a forma, mas mudar a natureza profunda das coisas. Ser maçom, será então seguir um caminho de mudança, com a dificuldade que reside no facto

de aceitarmos um princípio: o da reflexão, e da promessa de evolução, sem sabermos na verdade, onde tudo isso nos vai conduzir.

Em conclusão, o Galo, com o seu canto desperta-nos a nós que, pelo juramento que fizemos, existimos para garantir a liberdade, a igualdade e a fraternidade, para despertar as consciências. Nós, reunidos na Loja, construímos o que há de mais belo, a egrégora, que em grego significa

levantar, despertar.

Um símbolo, seja qual for, está vivo pela infinidade de possíveis visões sobre uma mesma base. O símbolo desperta a curiosidade, a pesquisa: o símbolo une. E não é isso que faz o galo? Que simbolicamente, nos desperta do nosso torpor, anunciando o tempo do trabalho de onde surgirá a luz?





Um dos símbolos que enfrentamos aquando da nossa iniciação na Maçonaria é uma figura que, para muitos, passa despercebida e é a de um "Galo" na câmara de reflexão.

Nos textos da Maçonaria não encontramos muita referência a esta figura que, sem dúvida, no esoterismo tem um significado relevante pois diz-nos que o Galo indica o despertar interior do homem, o triunfo da Luz sobre as trevas e assinala ainda a necessidade da vigilância que devemos ter sobre os nossos actos, não permitindo que nada nos afaste na busca da Verdade, da Justiça e da Honra.

Os animais na antiguidade sempre foram matéria de estudo, muitos deles, por suas características peculiares, foram associadas também às épocas do ano, às mudanças climáticas e associados a divindades servindo-lhes como ajudantes, guardiões ou de elemento de conexão com o Ser Superior. Essa mesma conexão era o que os fazia precisamente tão peculiares de acordo com as suas habilidades, o movimento, a ferocidade, a forma como buscam os alimentos ou o seu estilo de vida. Em algumas religiões inclusive alcançaram o contorno de Divindade.

No entanto e ao longo da história existe um animal que tem estado sempre presente, todo o ano e a

sua importância está associada ao dia e a noite. Este animal é o Galo.

É venerado desde o antigo Egipto e tem sido utilizado, em muitas religiões, para referenciar sempre o Sol e a sua aparição no dia. Na maioria das religiões está associada ao deus Sol, e à alternância do dia e a noite. Dão peculiar importância à cor de sua plumagem bem como ao vermelho intenso de sua crista.

Na África o galo está associado a ritos de Iniciação de vudu; ao passar de uma vida a outra, ao nascer ou ao morrer para uma nova vida, e a cor negra dá-lhe a característica dos ritos de morte e a cor vermelha aos de iniciação.

Os sírios, os egípcios e os gregos, devido à sua plumagem avermelhada e à crista de um vermelho intenso associam-no ao simbolismo Solar e do fogo. Chamavam-no também de "o nobre matutino do Sol".

O canto do Galo, em muitas crenças populares, associa-se ao espantar dos demónios e espíritos malignos que rondam pela noite. Na Idade Média a figura do Galo colocava-se nas igrejas como símbolo de vigilância. Assim a sua imagem tem sido utilizada desde então nos cataventos para simbolizar a luz Solar ou Crística a qual é capaz de dissipar e vencer as trevas do mal tanto com o vento a favor como contra.

O cristianismo moderno alude a que Pedro negaria três vezes a Cristo antes que o galo cantasse. Contudo em alguns textos antigos menciona-se que Pedro se negaria a revelar os segredos de sua Ordem Iniciática e somente revelá-los à nova luz tal como Hiran o fez perante os três maus companheiros. Aqui o galo representa precisamente essa nova luz, o novo amanhecer ou o verdadeiro despertar. O canto do galo era precisamente isso, despertar-nos dessa noite escura e de ignorância para abrir os olhos à luz da sabedoria. Assim, o



galo recorda-nos que ainda dormimos, que devemos estar Vigilantes e alertas, que ainda sonhamos e não podemos ver a realidade, pelo que é necessário buscar o equilíbrio perfeito entre o consciente e o inconsciente, entre o real e o fictício; mas, sobretudo estar alerta para ouvir esse canto do galo pois que se não o ouvirmos permaneceremos num sono profundo e na eterna ignorância.

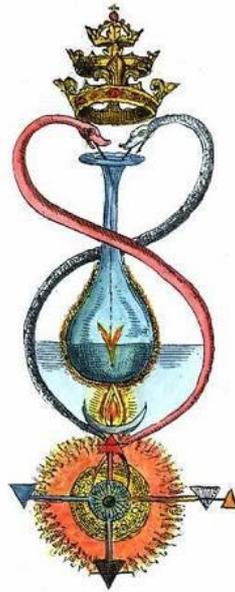
É por ele que aqueles primeiros cristãos tinham exercícios de escuridão entrando nas catacumbas para conectar-se interiormente e na escuridão estar com seu ser mais interior; referem-se alguns textos que podiam ver luz ainda na escuridão e somente o canto do galo que podia tirar daquele transe e fazê-los voltar à luz do dia, no exterior.

Esteve sempre ligada às religiões e figuras mitológicas como a Apolo, o deus IAO, etc.. O simbolismo do Galo teve muitas interpretações contudo a mais relevante foi a da sua associação com a Vigilância e a perseverança.

No renascimento protegiam-se as cidades e aldeias ao coloca-lo nos cataventos das

igrejas.

Representava as três purificações que deve enfrentar o homem antes de alcançar a sabedoria ou a iluminação interna. Esse passar do Enxofre ao Mercúrio através do fogo, fazia com que o Galo representasse o Mercúrio da



filosofia secreta.

O galo volta a ter relevância na França convulsionada em 1879; graças à Revolução Francesa as Lojas de então, adotaram este animal como emblema nacional da França. recordaria a cada um dos franceses que deveriam:



1. Sempre estar de Pé e erguido (símbolo de Orgulho);
2. Sempre estar atento (símbolo de Vigilância);
3. Lutar até morrer (símbolo de nunca se deixar vencer).

O Galo na Maçonaria é, pois uma mistura de muitas tradições, mas, sobretudo de muito significado interno e pessoal. Indica-nos a verdadeira busca no trabalho interno, a luta constante da parte escura de nosso ser, o buscar no nosso interior e entre as trevas algo de claridade, o estar alerta e vigilante para que as trevas possam ser dissipadas e iluminarmos com a nossa luz e com o nosso trabalho o mundo profano.

Não nos deixemos ofuscar e deslumbrar por profanos que nos tentam ocultar os olhos da verdadeira luz.

Assim, o galo não só deve estar presente na nossa Iniciação como também deve estar presente ao longo de nosso despertar diário tanto físico como espiritual.



Preceito Maçónico

Respeita o viajante; auxilia-o; a sua pessoa é sagrada para ti.

Fonte: Princípios e Preceitos Maçónicos, Grémio Lusitano, 1928 (“visado pela censura”)

